

# O ATO ÉTICO RESPONSÁVEL NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Antípodas da pesquisa em ciências humanas  
no filme “Instinto”, de Jon Turteltaub

Shirlei Mary Alves<sup>1</sup>

## RESUMO

Com base nas postulações de Mikhail Bakhtin na obra “Por uma filosofia do ato responsável” (1920), procedemos a uma análise da obra fílmica *Instinto* (*Instinct*, 1999), tecendo considerações acerca da ação de pesquisa empreendida por dois personagens, ambos cientistas: o antropólogo Ethan Powell e o psiquiatra Theo Caulder, vividos, respectivamente, pelos atores Anthony Hopkins e Cuba Gooding Jr. Propomos uma análise da atitude desses estudiosos da ficção diante do objeto que cada um se propõe elucidar – a espécie humana e o indivíduo que perde a humanidade. Situando-nos na perspectiva bakhtiniana de ato ético responsável, focamos o olhar no modo como os pesquisadores empreendem a marcha de construção do conhecimento sobre o outro e na relação de responsabilidade que constroem nesse processo, destacando a tensão entre o discurso da ciência e o devir do mundo humano em sua *eventicidade*. Como resultado deste estudo, identificamos atitudes opostas dos dois personagens, já que o antropólogo perde-se no objeto e se aliena de si mesmo, recusando o discurso da ciência/cultura e mergulhando no não-eu, enquanto o psiquiatra, movimentando-se na tensão entre o discurso teórico e a *eventicidade*, arrisca-se a uma nova atitude científica, marcada pela responsabilidade com o outro e pela responsividade diante do discurso do outro.

**Palavras-chave:** Ato ético responsável. Pesquisa. Ciências Humanas. Filme.

## ABSTRACT

Based on the postulates of Mikhail Bakhtin in the work “For a philosophy of the responsible act” (1920), we proceeded to an analysis of the film work *Instinto* (*Instinct*, 1999), making considerations about the action of research undertaken by two characters, both scientists: the anthropologist Ethan Powell and the psychiatrist Theo Caulder, each performed respectively by the actors Anthony Hopkins and Cuba Gooding Jr. We propose an analysis of the attitude of these scholars of fiction before the object that each one proposes to elucidate - the human species and the individual that loses the humanity. Putting ourselves in the Bakhtinian perspective of a responsible ethical act, we focus on the way in which the researchers undertake the march of construction of knowledge about the other and the relationship of responsibility they construct in this process, highlighting the tension between the discourse of science and the becoming of the human world in its *event-existence*. As a result of this study, we identify opposing attitudes of the two characters, since the anthropologist loses himself in the object and alienates himself, refusing to abide to the discourse of science / culture and plunging into the non-self, while the psychiatrist, moving in the tension between theoretical discourse and *event-existence*, risks a new scientific attitude, marked by responsibility towards the other and responsiveness to the discourse of the other.

**Keywords:** Responsible ethical act. Search. Human Sciences. Movie.

---

1 Shirlei Marly Alves é doutora em Letras/Linguística e professora da Universidade Estadual do Piauí.

## 1 INTRODUÇÃO

O debate epistemológico estabelecido no campo da construção do conhecimento científico atrela-se à emergência das ciências humanas. A grande questão está na possibilidade de se investigar a vida social, com os procedimentos e as técnicas das ciências da natureza. Diante desse problema, duas posições foram assumidas: a que defendia a unidade da ciência, o que legitimaria o uso dos mesmos métodos para toda e qualquer área, e a defesa da peculiaridade das ciências sociais e humanas, havendo, assim, a necessidade de estas adotarem métodos de investigação próprios.

De acordo com perspectiva da unidade da ciência, os objetos sociais deveriam ser tratados como os objetos físicos, idéia segundo a qual existe uma separação entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido, ou seja, de acordo com tal visão, assim como os elementos da natureza, os objetos sociais têm uma existência independente do observador e do seu interesse. Ao pesquisador caberia uma posição de observador neutro, não comprometido, abstendo-se de julgar, evitando ainda que sua subjetividade influenciasse o processo de pesquisa. Seu intento seria, portanto, o de buscar regularidades (as leis sociais) para fazer previsões que dariam bases para a intervenção na sociedade (SANTOS FILHO; GAMBOA, 2007).

Opondo-se frontalmente a tais princípios, Bakhtin (2003, p. 395) destaca o fato de que, diferentemente do que ocorre nas ciências da natureza (em que se estuda a “coisa morta”, coincidente sempre consigo mesma), é o sujeito falante e expressivo o objeto das ciências humanas. Por tal condição, é livre e “não apresenta nenhuma garantia”, daí que o conhecimento sobre ele não pode ser imortalizado como “fato estabelecido com precisão e dotado de importância prática para nossa vida”. Ressalta-se, nessa perspectiva, o papel da linguagem como lugar da simbologia, a instaurar o sentido, sempre plural, mutante, único em cada momento. Desse modo, “A interpretação das estruturas simbólicas tem de entranhar-se na infinitude dos sentidos simbólicos, razão por que não pode vir a ser científica na acepção de índole científica nas ciências exatas.” (BAKHTIN, op. cit, p. 399).

Em sua condição de sujeito que se expressa, que se revela em sua palavra, o homem, pesquisado pelas ciências humanas não pode, pois, ser visto como uma coisa (ou objeto, no sentido mais literal da palavra), mas como um outro que interpõe sobre si um dizer, desse modo o seu contato com o pesquisador só pode ser dialógico. “Aqui o cognoscente não faz a pergunta a si mesmo ou a um terceiro em presença da coisa morta, mas ao próprio cognoscível”. (BAKHTIN, 2003, p. 294). Entre perguntas, contra-perguntas e respostas, conhecimentos construídos e a construir se confrontam então na arena do discurso, onde pesquisador e pesquisado, inelutavelmente, enfrentarão a “contraposição e o confronto” entre o singular de cada vida narrada, de cada experiência vivida em seus diversos eventos, e o discurso teórico que fundamenta a ação de investigar, conceitual, estabilizado, tendente à generalização e universalização da diversidade. “Assumir esse caráter conflitual e problemático em Ciências Humanas implica renunciar a toda ilusão de transparência: tanto do discurso do outro quanto do seu próprio discurso.” (AMORIM, 2003, p. 12).

Com base nas postulações de Bakhtin sobre a investigação em Ciências Humanas, bem como da abordagem da ética como algo que se concretiza em cada ato singular, propomos uma análise do trabalho de dois pesquisadores de ficção – um psiquiatra e um antropólogo, personagens do filme *Instinto*.

Organizamos a explanação em três seções: a primeira apresenta uma sinopse da trama do filme, tendo em vista leitores não familiarizados com essa obra; na segunda e terceira seções, analisam-se as ações dos dois pesquisadores, confrontando-as com base nas postulações bakhtinianas acerca da ética na relação com o outro.

## 2 SINOPSE DO FILME

Ethan Powell (vivido pelo ator Anthony Hopkins) é um antropólogo acusado de cometer um crime, tendo sido extraditado para o EUA após um longo tempo na África, onde desenvolvera um estudo sobre os gorilas, que culminou com a decisão de passar a conviver com os animais e, posteriormente, a viver entre eles, deixando para trás a civilização humana.

Powell está em uma cadeia pública onde são recolhidos psicopatas de alto potencial e se recusa a proferir qualquer palavra, não respondendo nem mesmo ao atendimento psiquiátrico dado aos detentos. Powell fica sob vigilância constante, “pois era temido visto que aprendeu com os gorilas a força e a luta, o que fazia necessário vários homens para pará-lo. Na prisão, os métodos eram aqueles clássicos que consagraram a psiquiatria, em seus primórdios, como ciência de correção absolutamente em conluio com os meios de poder.” (CULTURA E FILOSOFIA, 2010). Nesse contexto, tortura, sedação com altas dosagens de psicotrópicos e brutalidade são os meios utilizados por policiais e pelo psiquiatra da prisão para manter os detentos sob controle.

A par de tal situação, o médico psiquiatra encarregado dos detentos, Theo Caulder (personagem de Cuba Gooding Jr.), vislumbra uma grande oportunidade de trabalho que pode consagrá-lo academicamente, pois, até então, nenhum médico conseguira arrancar uma palavra do antropólogo. Com esse intuito, embora sendo advertido por seus pares de que nada conseguiria do antropólogo, vai à penitenciária, onde começa uma convivência que mudará os rumos de suas concepções.

Inicialmente, tenta entrevistar Powell de acordo com o método tradicional de coleta de dados, ligando o gravador e fazendo, ao paciente, perguntas padronizadas, sem que obtenha qualquer resposta. Percebe-se aí um entrechoque entre a civilização-palavra do médico e o silêncio do paciente, fato que exaspera o primeiro e é indiferente ao segundo.

Depois de sucessivas tentativas, Caulder resolve mudar os procedimentos e parte para uma abordagem da família do antropólogo, mantendo diálogos com sua filha (interpretada por Maura Tierney), já adulta, a qual demonstra mágoa e revolta por se sentir abandonada pelo pai, após ele ter partido para o continente africano. Faz ela um longo desabafo a Caulder, sendo que, num desses encontros, o psiquiatra percebe, em um móvel da sala, uma foto onde estão Powell, a esposa e a filha, solicitando o objeto para usá-lo em uma próxima abordagem do psiquiatra.

O expediente se mostra adequado, pois, ao ver a foto, Powell, tocado pela ligação com a família, acaba falando pela primeira vez, e, a partir daí, terapeuta e paciente passam a interagir, estabelecendo-se aos poucos uma relação de confiança, o que oportuniza ao primeiro adentrar o universo interior do segundo, podendo melhor compreendê-lo e ajudá-lo.

Nos relatos do antropólogo, percebe-se que, em Uganda, ele acabou se encantando com suas observações sobre os gorilas, uma espécie brutalmente caçada pelo homem. Todos os dias, contemplava um grupo desses símios na selva e retornava à sua cabana, mas isso acabou não sendo o suficiente para compreendê-los, pois sentia necessidade de observar mais. Assim, sem planejar ou avisar a família e a guarda florestal de Uganda, Powell largou tudo e passou a viver integrado no grupo dos gorilas, percebendo aos poucos que era aceito: “os gorilas aceitaram-me, não como um membro da espécie, mas como um diferente.” (INSTINTO, 1999, fala do personagem Powell).

Impressiona Powell o fato de os gorilas aceitarem uma espécie diferente, coisa que ele não encontrava entre os humanos, os quais, muitas vezes, costumam não aceitar nem os seus semelhantes. Convivendo com os gorilas, o antropólogo se vê longe daquela “necessidade” de sempre querer mais, além do necessário, para a própria sobrevivência, não presenciando também qualquer forma de violência gratuita intra e interespecie - algo que só os humanos fazem. A civilização parece doente e terrivelmente cruel, quando Powell se encontra mergulhado na paz na vida selvagem com os gorilas, sobre o qual ele pontua e enfatiza: “uma paz de que os humanos não são capazes”.

Powell havia partido com a intenção de estudar sobre os gorilas, a fim de construir um acervo de conhecimentos que serviria à ciência, porém, em meio ao grupo de animais, ele abdicou da civilização. O mundo sustentado pelas palavras e teorias inventadas pelo homem se desvaneceu por completo, restando somente a contemplação, o encanto, o mistério: a vida vivida e não explicada.

Com os gorilas, vivia sobre um abismo sem fundo e sob um céu vazio, experimentava a vida de uma forma como nunca havia antes, contemplava o existir tal como ele se apresenta, estava diante do encantamento do mundo: sem palavras e sem idéias, sem civilização. O viver era vivido e sentido, despreocupado com o explicar. (CULTURA E FILOSOFIA, 2010).

A trama do filme é composta por essa longa reminiscência do paciente, pontuada pelos questionamentos do psiquiatra, que busca avidamente entender aquela estranha compreensão construída pelo antropólogo, bem como o porquê de ele ter abdicado de seu *status* e condição humana, passando a viver com e como animal.

Paralelamente a esse diálogo em que se defronta com outra possibilidade de ser e estar no mundo, Caulder, o psiquiatra, consegue realizar algumas mudanças na prisão: introduz métodos mais justos de tratamento dos doentes, colocando-se frontalmente contra a violência, o que acaba por desagradar as autoridades, mas não impede o médico de conseguir mudar a mentalidade dos detentos e do seu colega psiquiatra da prisão. Aos poucos, faz com que passem

a ver no respeito e na compreensão elementos para substituir a violência - algo que até então era considerado eficiente e exemplar.

Com Powel, o psiquiatra estabelece um vínculo favorecedor de seus objetivos terapêuticos, obtendo momentos juntos, livres da vigilância, conseguindo até que o antropólogo, embora ainda muito temido, seja liberado das algemas. Ao final, Caulder consegue uma audiência com um juiz, na qual Powell expõe as injúrias que sofrera e denuncia todo o esquema que o colocara na condição de um criminoso psicopata, passando a ser considerado apto à liberdade.

### **3 CAULDER: A RESPONSABILIDADE CIENTÍFICA DIANTE DOS DESAFIOS DE CONHECER E SER**

Bakhtin insiste que o Ser se traduz pelo processo inacabado do devir, marcado pelos eventos sucessivos em que se insere e participa da vida. Conhecer eticamente o ser impõe, assim, uma atitude – ética – que não desconsidere a sua condição inerente. Estabelece, nesse sentido, uma dualidade entre esse ser-evento e o ser construído pela cultura, que envolve a ciência, a história e a atividade estética, sendo que

Todas essas atividades estabelecem uma separação de princípio entre o conteúdo-sentido de um determinado ato-atividade e a realidade histórica do seu existir, sua vivência realmente irrepitível; como consequência este ato perde precisamente o seu valor, a sua unidade de vivo vir a ser e autodeterminação. (BAKHTIN, 1993, p. 42).

O ato ético responsável é, nesse sentido, aquele que, em vez de se contentar com apenas uma das duas dimensões do ser, encontra um “único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e no seu existir [...]” (BAKHTIN, op. cit. p. 43). Por esse prisma, ao se analisar a ação do psiquiatra, é perceptível que, em sua tentativa de investigar o paciente, não abandona a atitude científica, mas põe em dúvida a eficácia dos métodos consagrados. Ao resolver abandonar o protocolo padrão de abordagem do paciente, tentando outras formas de alcançá-lo e fazê-lo falar, considera o evento único que tem diante de si: a experiência nova, o existir concreto, em sua singularidade.

Embora, fatalmente, vá construir um discurso abstrato sobre o caso que estuda, não desconsidera “o mundo no qual se objetiva o ato da atividade de cada um e o mundo em que tal ato realmente, irrepitivelmente, ocorre, tem lugar” (idem, ibidem). O ato da atividade do médico, então, “olha, como um Jano bifronte, em duas direções opostas: para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a singularidade irrepitível da vida que se vive [...]” (ibidem, p. 20). Desse modo, pode ser atribuída ao médico a *responsabilidade bidirecional*, de acordo com Bakhtin, a qual inclui a *responsabilidade especial* (em relação ao conteúdo, ao discurso científico) e a *responsabilidade moral* (em relação ao existir, à eventicidade do ser), superando “a perniciosa separação e a mútua impenetrabilidade entre cultura e vida” (ibidem).

A comunicabilidade desses dois mundos é promovida pela ação responsável do psiquiatra, coadunando-se com a asserção de Bakhtin (idem, ibidem), segundo o qual, “O mundo como

conteúdo do pensamento científico é um mundo particular: é um mundo autônomo, mas não um mundo separado; é antes um mundo que se incorpora no evento unitário e único do ser, através da mediação de uma consciência responsável em uma ação real”.

Desse modo, ao abrir-se para uma nova forma de evento-ser (a troca da vida civilizada pela vida selvagem, feita pelo cientista) em sua profissão, Caulder também passa a dirigir outro olhar para o modo como são tratados os demais detentos da prisão. Se antes os tinha apenas como um conjunto homogêneo de seres desequilibrados aos quais se aplicava uma terapia que, teoricamente, os manteria sob controle (o ser visto não em sua eventicidade, mas como objeto, “coisa morta”), agora os percebe como seres únicos, dotados de uma vida também única, portadores de uma história marcada por experiências singulares que os levaram àquele estado. Essa nova perspectiva dota o médico de uma nova moral e de uma nova ética diante do outro. Tal atitude do médico se coaduna com o que postula Bakhtin (1993, p. 30) acerca da relação entre o mundo da teoria e o mundo dos eventos: “O mundo como conteúdo do pensamento científico é um mundo particular: é um mundo autônomo, mas não um mundo separado; é antes um mundo que se incorpora no evento único e unitário do ser através da mediação de uma consciência responsável, em uma ação real.”

Bakhtin (op. cit.) considera ainda legítimo que o eu saia de si para aproximar-se do outro e vice-versa, mas afirma enfaticamente que essa saída deve ser sempre seguida de uma “volta a si”: aquele que se põe no lugar do outro e não volta ao lugar que lhe pertence é infiel a si e ao outro. Esse movimento, denominado de *exotopia*, é feito pelo psiquiatra, o qual, sem abrir mão de sua própria identidade, usa-a como ponto de apoio para a compreensão do outro (usa o excedente de visão). Ao buscar formar um juízo sobre o que tenta conhecer, Caulder não se conforma a uma teoria pré-construída, à cognição abstrata, ou pelo que Bakhtin denominou de “sujeito puramente teórico, historicamente inexistente, uma consciência em geral, uma consciência científica, um sujeito gnosiológico” (BAKHTIN, op. cit. p. 48). A experiência vivida desafia o discurso científico e o obriga a se questionar, a se rever, a se reconstruir diante do evento único que investiga.

Sem desconsiderar a existência da teoria e do método da ciência, mantém com eles uma espécie de *tensão*, que transforma o modo como resolve construir um percurso metodológico adequado à singularidade que tem diante de si (um homem “animalizado”), fazendo o sujeito teórico encarnar-se em um ser humano, isto é, considerando não apenas o discurso construído pela teoria, mas, fundamentalmente, o ser-em-si.

#### 4 POWEL: AÇÕES EM CONTRAPONTO

Em sua ação investigativa, o antropólogo Ethan Powel, durante sua estada na selva africana, em um determinado momento resolve se fundir com seu objeto de estudo – o grupo de gorilas. Mergulha, então, na não-palavra dos animais, tentando o impossível: a compreensão a partir do que seria a *essência* do fenômeno puro, o ser-em-si dos gorilas, não toldado pela discursivização científica.

Nessa busca, despreza o discurso da ciência, abandona-a por completo e se instala num outro mundo de contemplação, de enlevo e devotamento, e se identifica totalmente com os gorilas, aspirando, inclusive, a ser um deles, incorporando-se ao bando. Também mergulha no silêncio, como a evitar a palavra, a qual já seria um discurso sobre o outro, a palavra que, em sua entonação, de acordo com Bakhtin (ibidem, p. 50), expressa a assunção de certa atitude em relação ao objeto, “não uma atitude indiferente, mas uma atitude efetiva e interessada.”

Assim, em vez de construir um discurso sobre os gorilas ou, o que seria possível em outra instância da cultura, uma obra de arte, o antropólogo almeja viver o próprio evento em que os gorilas se inserem, algo totalmente impossível, pois jamais atingiria o que só é dado aos animais – a não-consciência. A empatia sentida com o animal impede Powel de considerar a consciência humana em toda a sua complexidade e o leva a buscar uma comparação um tanto romântica entre homem e animal, com vitória do *modus vivendi* selvagem.

Mas a pura empatia como tal é impossível. Se eu realmente me perdesse no outro, (em vez de dois participantes, haveria apenas um – um empobrecimento do Ser), isto é, se eu cessasse de ser único, então esse momento do meu ser nunca poderia se tornar um momento do ser na consciência – o não-ser não pode se tornar um momento do ser da consciência – ele simplesmente não existiria para mim, isto é, o ser não se completaria através de mim nesse momento. Empatia passiva, ser possuído, perder-se, isso nada tem em comum com o ato-ação responsável da auto-abstração ou auto-renúncia. (BAKHTIN, op. cit. p. 67).

Se a intenção de Powel era compreender e proteger os gorilas, perder-se no meio deles em nada os ajudaria, pois, em sua empatia “passiva”, torna-se um ser possuído, enlevado, o que, conforme Bakhtin (op. cit.) não significa “auto-abstração” ou “auto-renúncia”; ao contrário, dizer algo sobre eles, considerando, sobremaneira, o que eles não podem dizer de si, seria um ato responsável, por contribuir para, com a força da visão científica, tentar argumentar e agir em favor da preservação, da mudança da atitude humana diante dos animais em extinção. Conforme esclarece Amorim (op.cit.), na origem do conceito de exotopia está a idéia de um dom, de doação: “é dando ao sujeito um outro sentido, uma outra configuração, que o pesquisador, assim como o artista, dá de seu lugar, isto é, dá aquilo que somente de sua posição, e portanto com seus valores é possível enxergar”

No antropólogo, o encantamento, que de todo não é incompatível com a atitude do pesquisador, acaba por tomar conta de todo o seu ser, fazendo-o parar de se preocupar com a compreensão responsável, desconsiderando que “Compreender um objeto é compreender meu dever em relação a ele (a atitude ou posição que devo tomar em relação a ele, isto é, compreendê-lo em relação a mim mesmo no Ser-evento único, e isso pressupõe minha participação responsável, e não uma abstração de mim mesmo.” (BAKHTIN, op.cit., p. 35)

Obviamente que, com os animais, o cientista não pode estabelecer uma relação dialógico-discursiva, num sentido mais estrito do termo, já que não são dotados da capacidade de linguagem, exclusivamente humana. Embora interagindo de outra forma, a presença do

homem entre os irracionais não traria qualquer repercussão para os mesmos, não lhes alteraria o devir, sendo o contrário verdadeiro, já que a trajetória do cientista mudou completamente. Ou seja, ele não transformou, com o seu ser-evento, o mundo dos outros, ao contrário, o seu foi transformado por eles (se pensamos em toda uma mudança de concepção a respeito de homens e animais).

É preciso ainda lembrar que, se a Antropologia busca uma compreensão do humano, ao olhar para os gorilas, em busca de compreender como se constrói cultura, o antropólogo parte não para o encontro com o outro (ser humano), mas para um mundo inabitado pelo humano, o mundo da não-palavra, portanto recusa a participação. Constatar, inebriado, que a humanidade, nos seus infinitos eventos, se deteriorou, ou se “desumanizou”, sendo este um bom motivo para abandoná-la sugere uma desculpa, ou um *álibi no ser*, isentando-se da responsabilidade pela execução dos atos e ações da vida.

Powel age, assim, contrariamente à atitude de Cristo<sup>2</sup>, citada exemplarmente por Bakhtin (op. cit.) para explicar o Ser que penetra na eventicidade do ser. A renúncia de si para ser evento e poder dialogar com os homens, ver como os homens, ser como os homens, expressando uma palavra entonada sobre eles possibilitou a Cristo transformar o mundo: “O mundo do qual Cristo partiu jamais será o mundo no qual ele nunca existiu; ele é, por princípio, um mundo diferente” (BAKHTIN, op. cit.). O mundo (animal) onde o antropólogo penetrou permanecerá o mesmo, pois não há ali vontade, consciência, participação, alteridade, nem palavra. Dessa forma, o mundo para o qual ele tentou se evadir nada ganharia com sua chegada, pois ela nada significou, ou seja, verifica-se que age apenas com base em uma das dimensões do ser: o eu para mim, desprezando o *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim*.

## FINALIZANDO...

Curioso e instigador é o paralelo que o filme traça entre a selvageria humana, toda marcada pela violência com que, na prisão, são tratados os detentos portadores de psicopatias, e a selva habitada pelos gorilas, onde o antropólogo não vê qualquer ação de crueldade por parte dos animais. O paradoxo é gritante quando se percebem seres humanos agindo como “animais” e animais convivendo na mais perfeita harmonia.

Interessa-nos aí o modo como os dois cientistas se inserem nesse contexto, focando o movimento *exotópico* que se dá no confronto de um eu-para-o-outro e de um outro-para-mim. Enquanto o antropólogo se abstém da exotopia, como já demonstrado alhures, abdicando do seu excedente de visão (o conhecimento teórico), o psiquiatra a exerce em sua plenitude, equacionando com a consideração da eventicidade, visto que passa a considerar os demais detentos, saindo de si para vê-los em suas individualidades (eu-para-os-outros), mas volta a si para pensar o modo como o discurso sobre eles permite os abusos de que são vítimas (o-outro-para-mim). É justamente a sua formação científica (o seu excedente) que lhe permite um

---

2 Aqui não pretendemos tomar a figura de Cristo como exemplo religioso ou propagar qualquer ideia religiosa, mas apenas confrontar o que é considerado pelo autor uma atitude ética de uma atitude não ética.



pensamento sistemático que chega ao âmago da questão e lhe permite a participação responsável que leva à transformação. Nesse aspecto, como já citado acima, a ação do médico é comparável à de Cristo, visto que o mundo se torna diferente porque a ação é marcada pela ética do ato responsável.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria Tereza; SOUSA, Solange Jobim; KRAMER, Sônia. *Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Faraco e Cristóvão Tezza (versão para fins didáticos e acadêmicos). Austin: University of Texas-Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CULTURA e filosofia. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/11317487/A-Condicao-Do-Homem-Civilizado-a-Partir-Do-Filme-Instinto>>>. Acesso em 25/11/2010.
- INSTINTO. Produção de Barbara Boyle, Michael Taylor. Direção de Jon Turteltaub. Miami: Walt Disney, 1999. 1 DVD.
- SANTOS FILHO José Camilo; GAMBOA, Sílvio Sánchez. *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.